

APRESENTAÇÃO

Este livro registra e dá consistência ao trabalho realizado na preparação do Terceiro Encontro Americano, braço americano do XV Encontro Internacional do Campo freudiano, que se realizará de 3 a 5 de agosto de 2007 em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Pela terceira vez, os colegas da América que formam parte da comunidade de trabalho de Orientação Lacaniana se reúnem e, pela primeira vez, a EBP é a anfitriã. Colegas das três Escolas da AMP-América escreveram e outros tantos traduziram, a nosso pedido, os textos reunidos no presente volume, editado em português e em espanhol.

Partindo da afirmação de Lacan de que existem tipos de sintomas e de que os tipos clínicos decorrem da estrutura, embora o que decorra da mesma estrutura não tenha forçosamente o mesmo sentido, damos testemunho aqui de que só existe análise do particular. Assim, os tipos de sintoma nada nos dizem sobre o que significa para cada sujeito o seu próprio sintoma. Seguindo essa orientação de Lacan, o Terceiro Encontro Americano ressitua a importância do diagnóstico na prática psicanalítica, ao mesmo tempo que aponta para o que há de único em cada sujeito e que não encaixa bem em nosso saber e, muito menos, em nossas classificações. É o que nos ensina Jacques-Alain Miller em seu texto “O rouxinol de Lacan”, inspiração para a imagem que dá sua marca ao 3º Encontro Americano.

Este livro conta com um texto inédito, em português e espanhol, de Éric Laurent, Delegado Geral da AMP, no qual ele parte da criança como constituinte da variedade das famílias, caso a caso, e extrai dos tipos de família contemporâneos cada criança como exceção. Segue-se a apresentação feita por Judith Miller, presidente da Fundação do Campo freudiano,

aos textos de membros da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP), da Escuela de Orientación Lacaniana (EOL) e da Nueva Escuela Lacaniana (NEL), organizados em torno dos quatro eixos de trabalho propostos. Ao articular o 3º Encontro Americano com o seu correspondente no continente europeu, o Encontro Pipol 3, Judith Miller aponta como a prática de orientação lacaniana, sem deixar de lado os seus princípios, está diretamente ligada à preocupação com a sua utilidade social.

O encontro com casos que aparecem como exceções às classes consagradas nos permite tematizar o que chamamos de “inclassificável”, mostrando que esse termo não compõe uma nova categoria de diagnóstico e tampouco faz consistir a categoria psiquiátrica do *borderline*.

O que chamamos de tipos clínicos? Na primeira clínica de Lacan, há os tipos clínicos clássicos, extraídos por Freud da nosologia psiquiátrica e demarcados por ele com base na presença ou ausência do Nome-do-Pai. Nosso horizonte se amplia e se torna menos descontínuo com a segunda clínica, a das suplências, em que cada um se arranja com seu sintoma, com ou sem o Nome-do-Pai. Nessa segunda clínica, Lacan fala de tipos de nós que se aproximam do que chamamos de caso único ou singular. Entre os tipos clínicos clássicos e os tipos de nós tecidos pelos sujeitos, tomados um a um, existe toda uma gama de tipos consagrados na nossa contemporaneidade, chamados de novos sintomas, entre os quais incluímos anoréxicos, bulímicos, toxicômanos, hiperativos, deprimidos, bipolares, aqueles que fracassam na escola, transgressores etc.

A psicanálise de Orientação Lacaniana, ao conceder privilégio ao que há de único em cada sujeito, pode inventar novos tipos a exemplo do que fez Lacan em sua tese de psiquiatria ou a partir de casos da literatura ou dos casos de Freud, verdadeiros paradigmas clínicos.

A variedade dos sintomas não deve se perder em um relativismo classificatório, e é aí que resgatamos a importância dos tipos. Em “Autocomentário”¹, Lacan pergunta se a análise, o discurso e a idéia do sintoma como nó lançam luz sobre a clínica de antes. E responde que sim, que pode haver pela análise um caminho que transcenda o sentido e proceda

¹ LACAN, Jacques. “Autocomentário”, *Uno por Uno*, n. 43, 1996, p. 18-19.

à suposição de um sujeito ao saber inconsciente, ao ciframento. É daí que surge o que articulou como fundamento de um “novo amor”: o sujeito suposto ao saber inconsciente.

Por meio das relações entre o inconsciente e o real, ao qual acedemos na contingência, podem produzir-se os nós, pontos de precipitação que fazem o discurso analítico ter seu fruto. A partir da experiência dos novos Centros de Tratamento Psicanalítico criados pelas Escolas e pelos Institutos do Campo freudiano, nosso livro registra novas práticas, individuais ou coletivas, que extraem o sujeito do seu tipo clínico e lhe permitem tecer o nó que lhe é próprio.

Elisa Alvarenga [EBP]

Ennia Favret [EOL]

María Hortensia Cárdenas [NEL]

DIRETORIA EXECUTIVA DO
TERCEIRO ENCONTRO AMERICANO